



Fernando Mencarelli, **A cena aberta. A absolvição de um Bilontra e o teatro de revista de Arthur Azevedo**. Campinas, Ed. da Unicamp, 1999.

por *Rubens José Souza Brito*

Arthur Azevedo, um dos mais notáveis homens do teatro brasileiro, nunca deixou de receber a atenção dos artistas interessados na divulgação de sua vasta e inigualável obra teatral. O crítico Sábato Magaldi pergunta no ensaio intitulado Arthur Azevedo: O gênio está vivo: “Qual seria o segredo da permanência de Arthur Azevedo? Não pequemos por avareza: é mesmo a genialidade”.(1)

Mas não é somente nos palcos que o criador de *A capital federal* se faz presente. Nos últimos anos vários trabalhos teóricos se voltaram para a produção do autor maranhense. Fernando Antônio Mencarelli nos oferece, agora, o resultado de sua pesquisa de Mestrado, *Cena Aberta: a absolvição de um bilontra e o teatro de revista de Arthur Azevedo*. A primeira virtude da obra reside na opção pelo tema, o qual se destaca por ser um caso raro, senão único, na cena brasileira. Tudo começa com um fato verídico ocorrido no Rio de Janeiro, em 1884: o Comendador Joaquim José de Oliveira, comerciante português, entrega três contos de Réis (na época, uma pequena fortuna) ao empregado do comércio Miguel José de Lima e Silva, que promete conseguir-lhe o título de Barão de Vila Rica junto ao Ministério do Império. Na verdade, o comendador recebe apenas um documento falso e por isso denuncia Lima e Silva, que é imediatamente preso. O processo judicial prolonga-se até setembro de 1886. O caso policial é amplamente divulgado pela imprensa e se transforma na coqueluche do período. Arthur Azevedo e Moreira Sampaio, percebendo o interesse da sociedade por este acontecimento, aproveitam-no como eixo central da nova revista de ano, a qual denominam *O bilontra*, neologismo que passou a significar pelintra, malandro. É neste momento que ocorre algo inédito: o sucesso da peça acaba por influenciar a decisão do Tribunal do Júri, que absolve Lima e Silva, tal como ocorre na revista.

Mencarelli se vale do diálogo entre as instituições Imprensa, Teatro e Justiça, fenômeno manifesto na carreira do *O bilontra*, para desenvolver seu discurso através de uma ótica que situa entre a história social e a teatral e que lhe permite construir um caminho muito particular, o qual, aos poucos, sinaliza a ambigüidade de Arthur Azevedo que representa, simultaneamente, a elite intelectual carioca e o revisteiro de sucesso, ao alcance de todos; esta dualidade, por sua vez, traduz uma das grandes polêmicas da época, travada entre os que previam decadência do teatro nacional e os paladinos da regeneração da arte dramática.

Ao iniciar a última *Cena Aberta*, Fernando Mencarelli lista os dois principais motivos que fizeram com que *O bilontra* repercutisse no Rio de Janeiro: a utilização da caricatura pessoal (no caso, a do comendador) e a escolha de um assunto polêmico (a discussão sobre o trabalho e o ócio, justamente no período que antecede a abolição da escravatura). A estes fatores acrescentaríamos dois outros, de natureza especificamente teatral: o espetáculo funcionava cenicamente (a peça ultrapassou as cem récitas e, além disso, estava introduzindo um novo conceito no teatro nacional, o de *mise en scène*). Na revista seguinte, *Mercúrio*, os parceiros teatrais traduzem o termo por encenação. O paradigma de encenação surge no Brasil, portanto, ligado à estética da revista de ano. Pelo fato de introduzirem e fixarem, no país, o conceito de encenação, consideramos Arthur Azevedo e Moreira Sampaio os precursores do teatro moderno brasileiro. Mencarelli, ao comprovar a importância de “*O bilontra*” na historiografia teatral brasileira, perde a oportunidade de ampliar ainda mais os méritos deste espetáculo ao não considerar essas singularidades.(2)

O autor, após perscrutar a bilontragem em praticamente toda a obra do criador de *O mambembe*, indicando as várias formas com as quais ela se manifesta, surpreende o leitor com a inclusão dos argumentos que o advogado usou para defender “o bilontra” Lima e Silva, e comprova que, de fato, o espetáculo teatral influenciou o júri na decisão de absolver o indiciado.(3)

Cena aberta: a absolvição de um bilontra e o teatro de revista de Arthur de Azevedo, pelo rigor científico, pelas qualidades literárias e pela apresentação de uma temática relevante para o teatro brasileiro, é, desde já, leitura obrigatória para todos aqueles que amam a arte dramática.

---

Rubens José Souza Brito  
Universidade Estadual de Campinas

\* Publicado em *Luso-Brazilian Review*-Summer 2001-Vol. 38, No. 1

Notas:

(1) Caderno de Sábado, *Jornal da Tarde* 22 out. 1985:5.

(2) Temos conhecimento dessa singularidade pelo fato de minha dissertação de Mestrado, entre outros aspectos, haver abordado Arthur Azevedo enquanto encenador (*A linguagem teatral de Arthur de Azevedo*, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 1989, orientação do Prof. Dr. Jacó Guinsburg).

(3) O advogado afirma , ao encenar seu discurso de defesa: “É manifesto que esta causa não depende mais dos tribunais, sim do teatro que já avocou-a, aproveitando-a para uma revista de fim de ano a qual teve ainda tem o dom de atrair um número enorme de espectadores a todas as suas representações” (287).